

Tópicos Transatlânticos – Emergência da Lusofonia num Mundo Plural
Editores: Rocha-Cunha, Silvério; Marujo, Noémi; Teixeira, Cláudia; Martins, Marco; Rodrigues, Paulo e Borges, Maria do Rosário

INTRODUÇÃO

Na sua obra seminal *Raízes do Brasil*, cuja vitalidade teórica permitiu a António Cândido qualificá-la como um “clássico de nascença” (António Cândido in Sérgio Buarque de Holanda, 2010: 10), o célebre historiador social Sérgio Buarque de Holanda coloca o acento na complementaridade agónica que caracteriza a herança ibérica na América Latina, pois, sustenta, “a história jamais nos deu o exemplo de um movimento social que não contivesse os germes de sua negação — negação essa que se faz, necessariamente, dentro do mesmo âmbito” (Sérgio Buarque de Holanda, 2010: 180). E com esta distinção, que o levou a demonstrar as profundas parecenças e dissemelhanças entre os povos ibéricos e as suas projeções coloniais no continente latino-americano, gerando com o seu “aventureirismo” a “cordialidade” (no sentido de arrebatamento emotivo, capaz do melhor e do pior) que veio a constituir uma marca do homem brasileiro, o eminente historiador traça um quadro onde avulta a ideia de que todas as sociedades herdaram um “conglomerado” onde o todo harmoniza as suas contradições internas e produz as suas específicas necessidades no âmbito de uma tensão fundadora que o vai alimentando. Esta leitura de Sérgio Buarque de Holanda não ilude, nem a tendência profunda das sociedades humanas para a heteronomia e a simplificação, nem as potencialidades de autonomia que toda e qualquer criação humana implica. Este paradoxo, que já Rousseau colocou logo no início do seu *Contrato Social*, ilustra bem como o governo das sociedades nunca foi, nem poderá vir a ser, objeto de uma “ciência”, porquanto isso significaria que apenas uma ordem teria sido possível desde o início da história. Pelo contrário, tal governo será continuamente sujeito à criação permanente do social-histórico e dos seus contínuos novos sentidos que, apesar da necessidade e das lógicas identitárias, os homens sempre plasmarão na sua existência coletiva.

É neste sentido que poderá sustentar-se que também a lusofonia é expressão destas tensões criadoras —belas, violentas e contraditórias— que, na sequência de outras, se confrontaram de forma aguda com o resto do mundo a partir do momento em que se desenvolve o moderno Sistema de Estados Europeu no Ocidente. O humanismo europeu foi ambivalente, como se sabe, capaz de ser fechado ao Outro, capaz de se abrir a outras realidades humanas, em proporções que não são facilmente mensuráveis, mas uma coisa é certa: houve uma profunda “inculturação”, que provavelmente mais não fez do que diversificar outras do passado, verificando-se uma “compressão dos espaços intercontinentais, mobilização sem limite de seres e coisas” (Gruzinski, 2010: 92), transformando-se as “partes do mundo” pelo profundo contacto entre si, de forma frequentemente inquietante e até desastrosa, como assinala Gruzinski, mas em qualquer caso pondo a descoberto a “falácia territorial”, trazendo as sociedades para uma hibridação que o pensamento de um Léopold Senghor tão bem ilustra quando sustenta que uma verdadeira Civilização do Universal une, superando, o *cogito, ergo sum* moderno-europeu e o *je danse, donc je suis* da cultura banto, bem como princípios básicos de outras civilizações, em pé de igualdade.

Sabemos que não é assim que se desenrolam os negócios do mundo. De facto, continua a ser vibrantemente verdadeira a otimista perplexidade crítica de Rousseau, acima insinuada, quando constata: “*L’homme est né libre, et partout il est dans les fers. Tel se croit le maître des autres, qui ne laisse pas d’être plus esclave qu’eux. Comment ce changement s’est-il fait? Je l’ignore. Qu’est-ce qui peut le*

rendre légitime? Je crois pouvoir résoudre cette question” (Rousseau: 1976, I, 57). Mas porque, seguindo o filósofo, não chega considerar apenas o lado da força, pois até o mais forte tem de dormir e, enquanto o faz, precisa que os mais fracos o não ataquem, a violência histórica não dispensa uma poética da paz, já que nem a paz pode ser conquistada por um só e muito menos imposta aos outros. Tem de ser recebida, criada e continuamente transformada, pois é mais do que a vitória dos vencedores e mais que um simples equilíbrio de forças. O realismo dos factos deve igualmente submeter-se à única reflexão realista, que é a de nunca esquecer a natureza histórica (logo, contingente e provisória) do “realmente existente”.

Vive hoje a humanidade um momento histórico de *krisis* (num sentido grego original de momento de apogeu no âmbito de um processo, um momento de rutura que pode criar novas situações de incerteza radical) que sofre a compressão de uma globalização de índole tecn-económica, naturalmente simplificadora, por vezes mesmo simplista, que amalgamou o individualismo moderno, necessidades humanas, a economia de mercado, crematística e capitalismo enquanto *sistema* de correlação de forças. Ora, a lusofonia desempenha o seu papel, fazendo parte do lado que não poderá deixar de interrogar a complexidade de forma complexa, pois transporta consigo uma parte da autonomia criadora do social-histórico que, mesmo quando aparentemente se submete a esta ou àquela lógica identitária, nunca oculta esse “facto maciço, irreduzível e na realidade inassimilável” (Castoriadis, 1975: 250) que é o de, na história do mundo, nada estar escrito desde sempre e para sempre. Por isso tem sentido dizer que a “trama do mundo aviva-se com todas as suas particularidades, quantificadas; com todos os seus lugares, reconhecidos” (Glissant, 1997: 192).

Pois é desta trama e suas aventuras que trata este livro, que tem na sua base intervenções que decorreram no I Curso Internacional de verão da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora (setembro de 2011). Quero agradecer ao seu Diretor, Prof. Doutor José Alberto Machado, a confiança em mim depositada, à Dr.^a Maria Antónia Pereira a sua disponibilidade para a sempre indispensável gestão e operacionalização dos recursos, ao Senhor Pedro Lopes a criação e manutenção do sítio do Curso na *Web*. E, *last but not least*, dirijo um particular agradecimento aos meus colegas da comissão organizadora, pelo seu incansável e eficiente trabalho, pois sem eles nada teria sido possível.